

CRÍTICA / FILME / SONHAR COM LEÕES

# Crônica de um 'The End' anunciado

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**G**alardoado com uma menção honrosa no 53º Festival de Gramado, "Sonhar Com Leões" foi idealizado num intercâmbio de saberes intercontinental, via Atlântico, e pode (potencialmente) assegurar para Portugal uma indicação ao Oscar 2026. A produção, que chega este fim de semana às telas do Brasil, integrou a lista de cinco filmes lusos pré-selecionados para que um seja escolhido a fim de que a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood tenha uma representatividade lusitana. A seu lado, na disputa, estão "Banzo", com realização de Margarida Cardoso; "Hanami", de Denise Fernandes; "Os Papéis do Inglês", realizado por Sérgio Graciano; e "Sobreviventes", de José Barahona (que morreu em novembro). Aplaudido com fervor em terras gramadenses, a comédia ácida com Denise Fraga que hoje avança por telas do Rio foi antes projetada na Estônia, no Tallin Black Nights Film Festival. O Brasil entra em sua equação produtiva não apenas com o talento



Divulgação

**Denise Fraga tem atuação devastadora em 'Sonhar Com Leões'**

(em estado de graça de sua estrela, mas na participação (fina) do ator Roberto Bomtempo e do diretor de fotografia Glauco Firpo.

"Sonhar Com Leões" é dirigido por Pao-

lo Marinou-Blanco, que nasceu em 1982, em Nova York, filho de mãe grega e de pai português. Conhecido antes pelo convulsivo "Goodnight Irene", de 2008, ele regressa à

telona mais cítrico e fez Gramado rir, numa catarse coletiva, com diálogos propositadamente expositivos sobre formas de suicídio. Não há desrespeito à angústia alheia em sua abordagem. Há um flagrante do quão patético é o desamparo nas raízes da finitude anunciada. Gilda, sua protagonista, padece de uma doença terminal que opera nenhuma cura. Num exercício de "quebra da quarta parede" (procedimento no qual se fala para a câmera, endereçando a conversa direta e frontalmente à plateia), a enferma faz troça de seu próprio infortúnio, desabafa sobre a aspereza da condição humana sob o risco da perda e compartilha detalhes de suas três tentativas de se matar. Cada desabafo escancara dilemas aos quais a sociedade ocidental agrilhou-se por interditos morais e conflitos religiosos.

Sua projeção em tela gramadense foi acolhida com gargalhadas e afetuosidade da crítica, que contextualiza o filme numa genealogia de títulos que se depositaram em grandes festivais, após a morte assistida de Jean-Luc Godard, em 2022. Entre eles estão "O Quarto Ao Lado", de Pedro Almodóvar, e "Uma Bela Vida", de Costa-Gavras, que lota salas no Rio.

CRÍTICA / FILME / DORMIR DE OLHOS ABERTOS

## Suave despertar

Émilie Lesclaux e Kleber Mendonça Filho... ela, francesa; ele, pernambucano... eles, juntos, um casal, parceiro na vida e na feitura de filmes esperados como "O Agente Secreto" ... assinam a produção (a partir da empresa Cinemascópio) brasileira do poema multinacional "Dormir De Olhos Abertos". Sua diretora, a alemã Nele Wohlatz, agregou parcerias taiwanesas, argentinas e germânicas na engenharia de produção deste estudo sobre interseções culturais num mundo onde a falta de pertencimento avança como metástase existencialista pelos corações.

A edição de imagens, na montagem feita a quatro mãos por Ana Godoy e Yann-Shan Tsai, obedece ao diapasão da delicadeza, gerando uma atmosfera de serenidade mesmo nos momentos onde solavancos pedem passagem pelo roteiro. Tudo se passa numa



Divulgação

**Liao Kai Ro integra um time de asiáticos em trânsito pelo mundo filmado por Nele Wohlatz**

cidade costeira no Brasil. Kai (Liao Kai Ro) chega de Taiwan para as férias com o coração partido. Um ar-condicionado quebrado a envia para a loja de guarda-chuvas de Fu Ang (Wang Shin-Hong), que poderia se tornar um amigo, mas a estação chuvosa não chega, e o estabelecimento do rapaz desaparece.

Enquanto procura por Fu Ang, Kai descobre a história de Xiaoxin (Chen Xiao Xin) e um grupo de trabalhadores chineses em um chique arranha-céu. Kai se vê estranhamente espelhada no que se conta sobre Xiaoxin e seu desterro. Desterrar-se é almejar pertença nesta lírica cartografia de fricções geopolíticas vencedora do Prêmio da Crítica da Berlimale 2024. A direção de arte de Diogo Hayashi é um vértice de excelência numa narrativa que fala da solidão sem mistificar suas contraindicações. (R.F.)